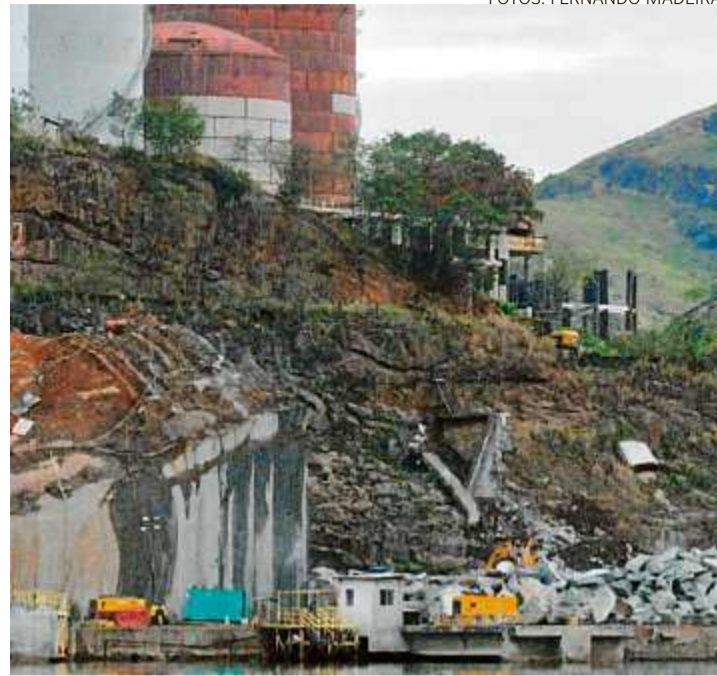


REGIÃO DE PAUL



FOTOS: FERNANDO MADEIRA

As pedras depositadas na área próximo às residências no Morro do Atalaia, em Paul, Vila Velha, são retiradas do Terminal Dolphins, dentro do Porto de Vitória

Moradores sofrem com paredão de pedras no Morro do Atalaia

CARLOS ALBERTO SILVA

Rachaduras e tremores são alguns dos problemas relatados pelos vizinhos da obra

WESLEY RIBEIRO
wribeiro@redgazeta.com.br

O descarte de pedras retiradas de uma área do Porto de Vitória tem gerado problemas de saúde e até risco de acidentes no Morro do Atalaia, em Paul, Vila Velha.

Segundo os moradores do bairro, com a força do impacto diário das pedras, alguns imóveis têm apresentado rachaduras. Indignada, a população exige uma solução.

Retiradas de uma formação rochosa no interior do Terminal Dolphins, que passa por obras de ampliação, as pedras têm sido depositadas em uma área que pertence a Companhia Docas do Espírito Santo (Codesa), próxima à divisa com o Morro do Atalaia. Alguns imóveis estão a menos de 50 metros do paredão de pedras, que ultrapassa os cinco metros de altura, em alguns pontos.

Os imóveis situados nas ruas Júlio César e Glermínia são os mais afetados. A casa da filha do empresário Marciano Zambom apresenta rachaduras pelas paredes nos três pavimentos e ele garante que são reflexos das obras da Codesa.

“Quando as pedras são jogadas pelos caminhões caçamba, treme tudo aqui. E as rachaduras apa-

MONTANHA

5

metros

É a altura a que chegou o acúmulo de pedras em relação às residências.

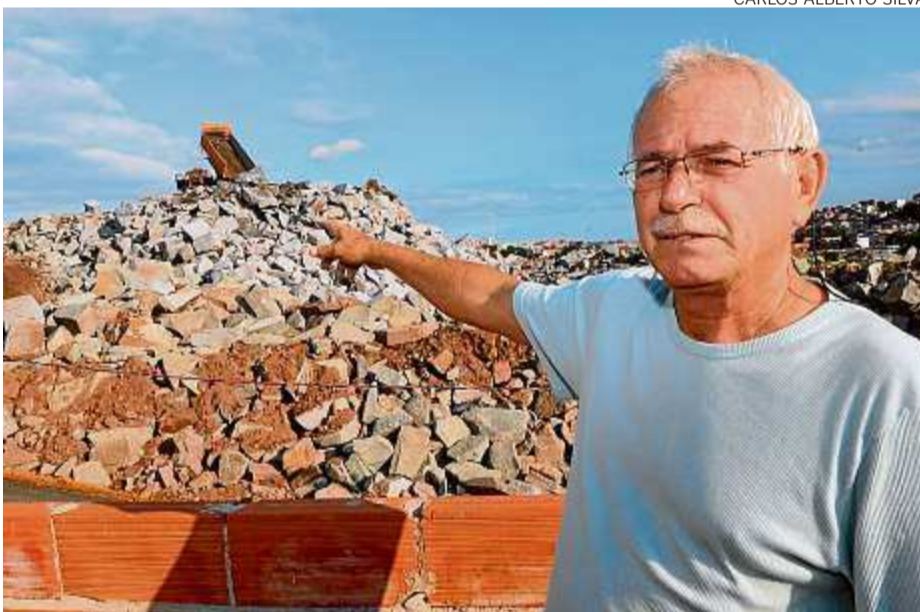
receram desde que a obra começou, há três meses”, explica o empresário.

Do outro lado do morro, mais imóveis sofrem tremores, porém, com o impacto do choque das placas com o chão do terminal, segundo Helio Petri, tesoureiro da associação de moradores. Algumas chapas de pedra passam de cinco metros de altura, com um metro de espessura, segundo Helio.

SAÚDE

Além dos tremores e rachaduras, problemas respiratórios, causados pela poeira do aterro que é feito sobre as várias camadas de pedras, são cada vez mais frequentes. A moradora Janete Leite, de 63 anos, diz que já perdeu a conta do quanto gastou com remédios para a sua família.

“Aqui em casa, todo mundo está tossindo e com alergia por causa de toda essa poeira”, reclama Janete, que mora a pouco mais de 50 metros do local onde as pedras são jogadas. “Insetos, ratos e cobras agora são comuns nas



Inconformado

Diante do acúmulo de pedras na frente das residências, Hélio Petri, tesoureiro da associação de moradores, classifica tudo como um absurdo.

“Estas pedras tiraram a vista do nosso bairro e comprometem até a ventilação. Hoje, abrimos as janelas e damos de cara com este paredão”

HELIO PETRI TESOUREIRO DA ASSOC. DE MORADORES

casas e nas ruas”, diz.

De acordo com o morador Julio Santos, de 44 anos, a maior reclamação da população é sobre a altura a que chegou o acúmulo de pedras, o que comprometeu, segundo ele, a vista que os moradores tinham para a grande área verde do manguezal da Ilha das Flores.

Julio explica que a empresa que executa a obra e a Codesa fazem reuniões mensais para ouvir as reivindicações da comunidade, mas o acúmulo de pe-

DESABAFO

“Havia uma linda área verde no local. Destruíram tudo, acabaram com a fauna e a flora. Um desastre ambiental, sem dúvida”

X., PROFESSORA

dras excedeu a expectativa. Ele diz que as empresas prometeram uma visita ao bairro nos próximos dias

para avaliar todos os problemas relatados.

Em nota, o Instituto Estadual de Meio Ambiente (Iema) informou que vem realizando vistorias na Codesa por causa de denúncias, mas sem constatar irregularidades. Confirma que a companhia possui licença de ampliação para o Cais de Capuaba e está autorizada a realizar a operação de desmonte de pedras. Contudo, em função da nova denúncia, o Iema explica que será enviada uma equipe ao local para nova fiscalização.

Codesa: obra dentro dos limites

A obra de ampliação do Terminal Dolphins de Atalaia está devidamente licenciada, segundo a Companhia de Docas do Espírito Santo (Codesa), e desde seu início, em dezembro do ano passado, realiza reuniões mensais com a comunidade para ouvir suas reivindicações.

A empresa afirmou, em nota, que todo o desmonte rochoso, feito com fio diamantado sem explosivos, é medido por sismógrafos - aparelhos que indicam trepidação - e que os dados nunca ultrapassaram os limites estabelecidos.

Disse que após reclamações recentes da comunidade, foi realizada uma visita técnica ao espaço onde as pedras são depositadas, e o parecer foi favorável à Codesa, proprietária da área.

A Prefeitura de Vila Velha informou, em nota, que a Defesa Civil não recebeu chamado da região sobre rachaduras em residências. Entretanto, informa que o local será inserido no cronograma de visitas e reforça que as intervenções foram discutidas com a comunidade durante reuniões com representantes do Iema, Codesa e a empresa responsável pelas obras.